

Profissionais de diferentes áreas trouxeram exemplos de abordagens ao tratamento da doença

A edição de julho do Grand Round trouxe diferentes abordagens para um caso clínico de paciente com dor crônica. Com o tema Dor Crônica: Aspectos Multidimensionais do Tratamento, o evento contou com quatro palestras de profissionais que explanaram as diferentes maneiras de tratar a dor crônica, com o intuito de evidenciar a necessidade e os benefícios de um tratamento multidimensional.

Foram quatro debatedores: João Rizzo, anestesiológista com especialização em Dor e Cuidados Paliativos, Luís Josino Brasil, anestesiológista com especialização em Dor, Lorena Caleffi, psiquiatra com especialização em Dor e Medicina Paliativa, todos do Hospital Moinhos de Vento, e Adriana Coltro, fisioterapeuta do Projeto Educa Dor e Mestre em Ciência do Movimento Humano pela UFRGS.

O relato analisado foi de uma paciente de 70 anos, obesa e hipertensa, com histórico de quatro cirurgias na coluna - sofre com dores crônicas há pelo menos 15 anos. "Quando trabalhamos com dor crônica, trabalhamos diretamente com qualidade de vida, e essa abordagem multidimensional é fundamental para termos uma interrelação com as outras equipes médicas e equipes de saúde que trabalham no Moinhos", explica Luciano Machado de Oliveira, anestesiológista com especialização em Dor e Cuidados Paliativos Oncológicos do Hospital Moinhos de Vento e moderador desta edição.

Abordagem medicamentosa

Na abordagem **multidimensional**, conforme explica o anestesiológista João Carlos Rizzo, a dor deve ser medida por mais de um parâmetro, e não só em uma escala numérica, como é costumeiramente feito. "A dor crônica é uma doença por si só, não é um sinal de alerta. É **multidimensional** e precisamos levar em consideração a autonomia do paciente, a volta à atividade laboral, ao lazer, à interpessoalidade", destaca.

A hipersensibilização decorre do aumento da atividade da **via nociceptiva** - aumento da **excitabilidade neuronal, aumento da eficácia sináptica e/ou redução da via inibitória nociceptiva**. "Não existe dor crônica sem **dor aguda**. A **dor aguda** precisa ser tratada energicamente, antes que entre em um processo de cronificação", reforça o especialista.

Para a abordagem medicamentosa adequada, indica-se que, na anamnese farmacológica, sejam mapeados todos os medicamentos ingeridos pela paciente, durante toda a cronologia da dor, para determinar quais apresentam uma resposta positiva, por menor que seja. "É preciso associar fármacos com diferentes mecanismos de ação - e pensar sempre em uso prolongado. Associar medicamentos com o mesmo mecanismo de ação, de forma fixa, é um erro brutal", alerta Rizzo.

Abordagem da medicina intervencionista da dor

Também anestesiológista com especialização em dor do Hospital Moinhos de Vento, Luís Josino Brasil trouxe um relato sobre a abordagem da medicina intervencionista da dor. "A dor é única para cada um. É aquilo que o paciente diz que tem, sempre que ele disser que tem. É uma experiência, não é uma modalidade sensorial. E existem dores específicas e inespecíficas - e essas dores inespecíficas são 90% das dores", detalha.

Para tentar encontrar dores que nem sempre são facilmente identificadas pelo paciente, os especialistas da clínica de dor trabalham com o bloqueio diagnóstico. Com a aplicação de uma microdose de anestésico local na estrutura alvo, é possível buscar a origem da dor. "Se houver um alívio de 50% ou mais, é dali. Acertamos em 85% dos casos", relata Brasil.

O médico apresentou a radiofrequência pulsada, metodologia minimamente invasiva recente, que deverá ser disponibilizada também pelo Moinhos. “A pulsada atua abaixo de um receptor magnético, que alivia a dor de forma resolutiva. A redução da intensidade da dor e do uso de medicamentos sugerem que os procedimentos devem ser indicados em qualquer momento da doença, inclusive oncológica, e não apenas como última alternativa”, afirma o médico.

Abordagem não farmacológica: a importância dos exercícios

Já na fisioterapia, de acordo com a Adriana Coltro, fisioterapeuta e mestre em Ciências do Movimento, são utilizados métodos não farmacológicos para o manejo da dor crônica.

“Eletroterapias, terapias manuais e exercícios. E os exercícios têm mostrado maior eficácia no tratamento de pacientes com dores crônicas, embora sejam pacientes mais pessimistas, que têm medo de fazer qualquer coisa que piore a situação de dor”, pondera.

No entanto, o desuso do corpo leva a desfechos funcionais negativos. “Quanto menos hábil se torna, menos força o corpo tem, e a tendência do quadro é piorar. É preciso quebrar o ciclo vicioso para que haja alguma diferença”, explicou Adriana, que recorre a “contratos verbais” para explicar a importância dessas medidas aos pacientes.

Abordagem comportamental e psicoeducação

No que diz respeito ao pessimismo de quem sofre com dores crônicas, a psiquiatra Lorena Caleffi relata que, muitas vezes, os pacientes são bastante machucados nas relações médico-paciente.

“É importante termos uma medicina centrada no paciente. Sem isso, a pessoa pode se sentir desumanizada. Não podemos desvalorizar o que é um aspecto físico patológico. O conceito de dor é um conceito que já é indissociável, é uma experiência sensorial e emocional desagradável. Os pacientes precisam ser acolhidos”, enfatiza.

No caso clínico apresentado por Luciano, a paciente sofre de transtorno de ansiedade generalizada, cujas características são tensão muscular, preocupações e ansiedade excessivas, o que pode agravar um quadro de dor crônica.

“O tratamento da dor é físico, com exercícios, com procedimentos, com farmacológicos, é psíquico, por meio de psicoterapia, e educacional. Ou seja, é sempre multiprofissional”, destacou Lorena. Com isso em mente, um grupo de profissionais criou o projeto Educa Dor, que busca contribuir de forma ativa na melhora da qualidade de vida dos pacientes, para educar e informar sobre dor crônica.

O evento está disponível na íntegra no Canal do Youtube do Hospital Moinhos de Vento. Acesse neste [link](#).

Fonte: Critério, em 15.08.2022